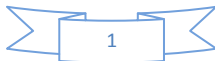


JOSÉ ROBERTO SALES
Organizador

**ACADEMIA VARGINHENSE DE
LETRAS, ARTES E CIÊNCIAS:
AUTOBIOGRAFIAS E OUTROS TEXTOS**

1ª edição

Varginha – MG
Academia Varginhense de Letras, Artes e Ciências
2017



PERSONA, AUTOR E ESPÍRITO DA ÉPOCA

Pequena autobiografia

José Roberto Sales

Cadeira 8

25/07/2016

A vida neste mundo serve a um propósito mais elevado; indubitavelmente, não é fácil adivinhar qual ele seja, mas decerto significa um aperfeiçoamento da natureza do homem (FREUD. O futuro de uma ilusão. Vol. XXI, p. 30. Edição Standard. Rio de Janeiro : Imago,1974).

FALA INICIAL

Durante a reunião ordinária da Academia realizada em 28 de setembro de 2015, foi apresentada a proposta da criação do “Momento Acadêmico”, atividade sugerida para ocorrer na abertura das reuniões ordinárias mensais. O “Momento Acadêmico” intitulado “Minha Vida, Minha Obra” teria por objetivo propiciar a cada acadêmico a exposição de um pouco de sua trajetória de vida e de sua obra. A proposta foi aprovada em plenário pelos acadêmicos. A primeira

apresentação ocorreu no mês seguinte, e, a partir, daí, ininterruptamente, até o presente.

Chegado o momento de fazer a minha apresentação, julguei que, embora não exista impedimento ético nem teórico, não cabe a mim na condição de escritor, analisar a minha própria obra, nem tecer sobre ela considerações de estilo, método, mérito ou reconhecimento. Por isso, neste momento, posso apenas propor-me a discorrer sobre a minha relação com a leitura e a escrita, com a pesquisa e com as influências culturais que constituem a base de minha formação intelectual.

Sobre essa fundamental questão é pertinente citar Virgínia Woolf no texto de sua autoria “Uma introdução a Mrs. Dalloway” publicado nas páginas iniciais que precedem o seu romance Mrs. Dalloway: “É difícil – talvez impossível – a um escritor dizer qualquer coisa sobre sua obra. Tudo o que ele tem a dizer, já disse da maneira mais completa, da melhor maneira que lhe é possível, no corpo do próprio livro. Se não conseguiu deixar claro o que pretendia dizer, é pouco provável que consiga num prefácio ou num posfácio de algumas páginas. (...) depois de impresso e publicado, um livro deixa de ser propriedade do autor; este o confia ao cuidado dos outros; toda a sua atenção é demandada por algum novo livro (...)” (WOOLF, 2012).

Por um desígnio do destino, o dia de minha apresentação coincide com o Dia do Escritor.

No título “Persona, Autor e Espírito da época” utilizei a palavra persona como condensação de três idéias distintas e relacionadas: 1) a máscara que os atores usavam no teatro

grego, 2) o personagem dos romances e contos, 3) minha personalidade de autor influenciada desde a meninice pelo romance, teatro, drama, tragédia e poemas.

A persona simboliza, portanto, as significações e as possibilidades de conhecimento do mundo, das relações interpessoais e do autoconhecimento, significações mediadas pelas palavras e pelos afetos.

As influências culturais recebidas por mim podem ser divididas em três momentos: infância, adolescência e início da vida adulta. Após os 23 anos de idade, considero que houve o aprimoramento e o aprofundamento dos estudos em humanidades, contudo, sem alteração da rota, pois o mapa do caminho a percorrer e a bússola utilizada durante esse percurso que terminará apenas com a minha morte, já estavam dados.

I – INFÂNCIA

Minha infância foi marcada pelo fato de ter tido o privilégio de frequentar boas escolas particulares de Varginha. Na Escola Paroquial Pio XII, estudei durante cinco anos, do Pré-Primário à 4ª série do então denominado Ensino Primário, em salas mistas, entre 1963 e 1967. Não me recordo se fui alfabetizado ainda no Pré-Primário, em 1963, aos seis anos, ou na 1ª série, em 1964, aos sete anos, momento único em minha vida em que me encantei, definitiva e irrevogavelmente, com a palavra falada, lida e escrita. O encantamento com a escrita e com a leitura ocorreu no instante mesmo em que me descobri ser capaz de decifrar os signos da escrita. A descoberta

possibilitou transformar-me em um leitor, e, logo em seguida, em um ávido devorador mirim de livros, inclusive de livros para adultos, o que, de início, surpreendeu meus familiares e, posteriormente, meus professores.

Para a alfabetização, a professora utilizava um enorme álbum seriado, ilustrado e colorido. Cada folha tinha uma ilustração e, abaixo, duas ou três frases da sequência de uma história. Ela punha o álbum em cima da mesa, passava as folhas e ia contando a história. Tratava-se da história do Lobo Mau e dos três porquinhos.

Esse momento de epifania, único e definitivo na minha vida, mudou para sempre o meu destino por ter lançado as bases para a construção da minha identidade como ser cognoscente no mundo. Cedo formei a convicção intuitiva de que a língua se perpetua na sua forma escrita, não na falada, portanto, é imprescindível ler e escrever, e, para isso, dominar a norma culta do idioma.

O meu primeiro contato com a poesia ocorreu logo na sequência dos estudos ainda na Escola Primária. Um dos primeiros poemas que tive a oportunidade de ouvir e de ler foi “A flor e a fonte”, do poeta parnasiano Vicente de Carvalho. Abaixo transcrevo apenas a primeira e a última estrofe.

A FLOR E A FONTE

Vicente de Carvalho

“Deixa-me, fonte!” Dizia
A flor, tonta de terror.
E a fonte, sonora e fria,
Cantava, levando a flor.

(...)

As correntezas da vida
E os restos do meu amor
Resvalam numa descida
Como a da fonte e da flor...

Evidentemente, com a pouca idade que tinha à época nada pude compreender sobre as metáforas, as correntezas da vida e os restos de um amor, mas fiquei profundamente tocado pela história da flor desesperada, arrastada pela água gelada de uma fonte, e pelas rimas e sonoridade das palavras.

Líamos, também, poesias de Tomás Antonio Gonzaga, Inácio de Alvarenga Peixoto, Castro Alves, Fagundes Varela, Olavo Bilac, Alphonsus de Guimaraens, Henriqueta Lisboa e Cecília Meireles. A história da Inconfidência Mineira era um fato histórico que me tocava profundamente com seu enredo de sonhos de liberdade, reuniões noturnas à luz de velas, o casario colonial da Vila Rica, igrejas e anjos barrocos, o artista mulato Aleijadinho, poetas e padres estudiosos e sonhadores,

D. Maria I – a Rainha Louca, a condenação, confisco de bens, degredo em terra estrangeira, o amor de Dirceu e Marília, Inácio de Alvarenga Peixoto e Bárbara Heliodora com sua fazenda no Sul de Minas, aqui bem pertinho de Varginha. Toda essa história complexa, intrincada e arrebatadora parecia-me exagerada, romântica, e, ao mesmo tempo, impossível e verdadeira, perdida nas brumas de um passado remoto, mas também muito íntima dentro do meu coração que acabava de descobri-la.

Em suma, foi no ensino primário que tive meu primeiro contato com os grandes nomes da literatura brasileira. Líamos poetas e escritores brasileiros do Arcadismo, Neoclassicismo, Parnasianismo, Romantismo, Simbolismo e Modernismo.

Aos nove anos de idade, manifestava meu interesse por assuntos de medicina colecionando bulas de remédios. Colagogo, colerético, antiemético... A leitura de todos esses incompreensíveis termos médicos-farmacêuticos me proporcionava o estranho prazer de vislumbrar um mundo desconhecido que poderia ser descortinado por mim por meio de muito estudo. Por essa época, dizia que meu desejo era ser médico e ator.

Minhas tias-paternas Leny Marlene Sales (1937-2010) e Célia Maria Sales (1929-2004) eram professoras primárias, moravam em casas contíguas à minha, pertencentes aos meus avôs. Elas ajudavam-me nos estudos, corrigiam-me quando escrevia uma palavra errada, tomavam-me a tabuada, ensinavam-me a falar corretamente a norma culta da Língua, orientavam as pessoas que queriam comprar livros para mim e impediam que meu pai me desse uma surra com ripas de caixa

de maçãs quando tirava nota baixa em matemática. Dominar bem a matemática era algo considerado imprescindível para uma família de origem libanesa cujas gerações até então haviam se estabelecido no comércio.

Minha veia literária e artística tem origem na família materna: minha bisavó Malvina Adelina Rodrigues, natural de Campanha, Minas Gerais, era artista no final do século XIX. Infelizmente, a documentação consultada não permitiu a identificação do tipo de arte praticada. Meus bisavôs residiram em Campanha, São Sebastião da Grama (SP) e Varginha. Minha avó-materna, Ezaulina Rodrigues Alves (São Sebastião da Grama, SP, 1903 – Campanha, 1984), ajudou meus pais a me criarem, estimulava minha autonomia, acreditava que eu era capaz de fazer as coisas corretamente, ensinou-me a me vestir, a tomar banho sozinho e a comer com talheres. Ela incentivava meus estudos; gostava de música, de dança, de declamar poesias, de teatro e tocava violino. Meu tio-avô Flodoaldo Rodrigues (São Sebastião da Grama, SP, 1907 – Varginha, 1992) era jornalista e amante das letras. No início dos anos 1980, ele teve seu nome aprovado para ingresso na Academia Varginhense de Letras, Artes e Ciências. Infelizmente, não chegou a tomar posse, pois logo após a sua indicação a Academia entrou em sua década de inatividade e ele faleceu antes da retomada das atividades.

Na minha infância passava as férias escolares em Campanha, onde residia minha avó-materna na rua de terra batida em que ficava o Colégio Sion. Quando chegava o dia da viagem, íamos de carro com meus pais ou minha avó vinha buscar-me e ao meu irmão. A viagem era feita numa jardineira

marrom pela estrada de terra que ligava Varginha, Monsenhor Paulo e Campanha. Saíamos logo após o almoço e chegávamos a Campanha quase ao final da tarde depois de umas três ou mais horas de viagem. Chacoalhávamos bastante dentro da jardineira e a poeira vermelha impregnava nossas roupas, cabelos e pele. Quando chegávamos, a primeira providência era abrir as malas de couro polido, bater as roupas da poeira e tomar banho. Minha tia-avó Maria Imaculada (conhecida como Mariinha) morava ao lado numa imensa casa colonial com enorme fogão a lenha, criava coelhos, galinhas e porcos que passeavam pela rua. Foi ali que vi pela primeira vez um carro de boi e ouvi sua música sofrida e arrastada que vinha da época remota e trazia as memórias do Brasil Colônia com suas casas-grandes e engenhos de cana-de-açúcar.

Naquela idade, minha sensibilidade causava-me estranhamento: era bruta, vaga, corporal, cardíaca e respiratória, não conseguia ser mais que isso e me sufocava por imersão num mar de sensações e de impressões ao mesmo tempo difusas e conectadas, porque as palavras estavam na respiração na superfície da água e eu ainda não conseguira emergir para encontrá-las, e, com elas, os significados das minhas vivências. De qualquer modo, minha vida estava começando a virar poesia, embora eu não soubesse disso. Em breve, a leitura e a escrita se revelariam para mim como um imperativo do desejo do qual jamais poderia abdicar sem deixar de ser eu mesmo.

II – ADOLESCÊNCIA

No final da infância, fui obrigado a mudar-me de instituição escolar, pois a Escola Paroquial Pio XII não possuía salas de Ensino Ginásial, atualmente denominado Ensino Fundamental II (6º ao 9º anos). Com isso, meus pais me matricularam no Colégio Coração de Jesus, escola administrada pelos Irmãos Maristas, onde comecei a estudar, em 1968, no curso de Admissão, ano letivo extra cujo objetivo era preparar o aluno para o ingresso no Ginásio.

O início de minha adolescência, difícil etapa da vida para qualquer sujeito, coincidiu com essa grande mudança. Sofri um verdadeiro choque psicológico ao ingressar no Colégio dos Irmãos (era assim que o colégio era conhecido): a edificação imensa, construída no início do século XX, tinha centenas de cômodos, salas amplas com alto pé-direito, compridos corredores, dois pavimentos além do térreo, auditório e teatro, pátios, quadras poliesportivas, galpões, campo de futebol, horta e pomar. No pavimento superior ficava a belíssima capela que então me parecia claustrofóbica com seus vitrais coloridos que filtravam a luz e me fazia sentir na Idade Média. Os banheiros raramente limpos tinham vasos sanitários em estilo turco feitos de uma louça branca, antiga e encardida pelo uso de décadas.

Os Irmãos mais velhos usavam batinas pretas, alguns as traziam surradas, puídas e com cheiro de suor. As salas eram exclusivamente masculinas com cerca de quarenta alunos.

Realizei meus estudos de ginásio no período inicial da Ditadura Militar no Brasil, instaurado pelo golpe de Estado de

1964. Os melhores professores do Colégio dos Irmãos eram leigos contratados pela instituição. Os Irmãos Maristas eram bastante rigorosos e submetiam os alunos a um regime de disciplina militar, fortemente hierarquizada e autoritária. A coletividade organizada aos moldes religiosos se sobrepunha às vontades individuais de modo sufocante. A cada ano, muito tempo e grande dispêndio de energia eram dedicados aos ensaios para os desfiles das datas comemorativas de 07 de setembro, Independência do Brasil, e de 07 de outubro, dia da Cidade, ocasiões em que a população lotava a Avenida Rio Branco para assistir a eles. Os ensaios eram realizados no campo de futebol de grama gasta, sob o calor excessivo do final do outono e início da primavera, e uma fina poeira de terra vermelha se levantava movida pelo vento e pelas centenas de passos cadenciados dos alunos que marchavam organizados em pelotões. Muitos alunos desmaiavam por insolação e saíam carregados do campo.

Durante os anos 1960, período da Revolução Sexual nas sociedades ocidentais, os Irmãos Maristas, e também a maioria dos professores leigos, revelavam uma preocupação quase obsessiva com questões sexuais. Eles defendiam a virgindade das mulheres antes do casamento e condenavam sob o aspecto da moral e da religião as relações sexuais pré-matrimoniais, o uso de contraceptivos, a prostituição, a homossexualidade e a masturbação. Para eles, o uso da tabelinha era o único método aceitável de controle da natalidade. Os comentários sobre esses assuntos eram sempre pejorativos, muitas vezes em tom de deboche e tinham o propósito de imposição das condutas socialmente aceitas. Não

havia diálogo nem debate sobre o relativismo cultural e as circunstâncias da ocorrência desses comportamentos, apenas o julgamento social, moral e religioso das pessoas que os praticavam. Os concursos de missas transmitidos pela televisão em preto e branco, as mulheres desquitadas, que usavam maquiagem, fumavam e frequentavam bares desacompanhadas, e os homens que usavam cabelos compridos, também eram criticados. Sobre esses últimos, os Irmãos diziam: “cabelos compridos, ideias curtas”, donde se poderia concluir que os carecas seriam, necessariamente, as pessoas mais inteligentes do mundo.

Estudei no Colégio dos Irmãos entre 1968 e 1972. Por essa época e por iniciativa própria, lia os clássicos da literatura inglesa, francesa e polonesa. Tenho-os até hoje e os guardo com muito carinho e memória do início do meu percurso pela leitura.

Certa vez, a professora de Português não pôde comparecer e mandou uma substituta. Foi dada uma tarefa aos alunos: escolher entre três temas propostos para uma redação. Escolhi “Os jovens de hoje”. Dois ou três dias depois, a professora foi até a casa de meus pais com a redação na mão para verificar se, de fato, havia sido eu o autor do texto. Minha mãe disse a ela que eu lia muito e gostava de escrever. Fui o único a escolher esse tema e a obter a nota máxima, o que ocorreu apenas após a professora reconhecer a minha autoria.

O interesse pela cultura grega me levou a fazer, em 1973, a coleção Mitologia, de mitologia Greco-Romana, da Abril Cultural, em três volumes e um dicionário de capa dura ricamente ilustrados. A leitura dessa obra me forneceu o

embasamento teórico necessário para compreender de modo mais aprofundado a relação entre mito, filosofia, religião e literatura, e a formação da cultura ocidental, da arte, da literatura, do teatro, além de constituir um subsídio para a análise dos símbolos do inconsciente quando, anos mais tarde, dediquei-me ao estudo da psicanálise.

A leitura da *Ilíada*, de Homero, foi-me facilitada por ter estudado anteriormente a mitologia Greco-Romana.

Ao concluir o ginásio e o primeiro ano do ensino médio então denominado ensino de II grau sem conseguir me identificar com os métodos de ensino do Colégio dos Irmãos e sua castradora rigidez moral e afetiva, solicitei a meus pais que me transferissem de escola. Fui matriculado, então, no Colégio Catanduvas, onde, em 1973, cursei o primeiro ano do ensino médio.

No Colégio Catanduvas sentia-me livre. Dei-me bem com os professores, todos laicos e me senti mais à vontade para dedicar-me aos estudos. O corpo docente era competente e aprendi bastante sobre Língua Portuguesa e Biologia, disciplinas às quais me dedicava com maior afinco. Lembro-me que gostei bastante de estudar a origem histórica da Língua Portuguesa e a fonética.

Nesse período, por iniciativa própria e nas horas vagas, tive profundo contato com a obra literária completa de Machado de Assis que sempre li e releio com grande prazer, e com a maior parte da obra de José de Alencar.

Por essa mesma época, percebi que se aproximava um momento decisivo em minha vida: em breve deveria fazer uma escolha profissional e ingressar em uma universidade para

realizar esse objetivo. Com o apoio de meus pais, resolvi mudar-me para Belo Horizonte para concluir o ensino de II Grau. Minha adolescência foi marcada pela mudança para Belo Horizonte, em 24 de fevereiro de 1974, aos 16 anos de idade, para concluir nessa capital a 2ª e a 3ª séries do ensino médio.

Foi nesse período e por iniciativa própria, que tomei contato com a história do Egito Antigo, com a tragediografia Greco-Romana, com o Darwinismo e com a antropologia cultural.

Causou profunda impressão em meu espírito a leitura de Sófocles, Eurípedes e Sêneca pelo estilo, grandiloquência dos diálogos e pelas tramas que arrastam, inevitavelmente, os personagens para o desfecho trágico.

Li, também, Racine, Jane Austen, Balzac, Flaubert, Dostoiévsky, Alexandre Dumas Filho, Strindberg, Gide, Ibsen, Henry James, Tennessee Williams, Hermann Hesse e as obras completas de Shakespeare e de Gabriel García Marquez.

Em relação à antropologia cultural, foi de fundamental importância para a minha formação a leitura das obras do antropólogo norte-americano Melville Jean Herskovits e do polonês Bronislaw Malinowski.

De Herskovits, estudei o tomo II do *Man and his works* que trata dos aspectos da cultura. De Malinowski, principalmente, *Sexo e repressão na sociedade selvagem* em que o autor, apesar de sua resistência em admitir os conceitos psicanalíticos, alia a antropologia cultural à psicanálise ao analisar a universalidade do complexo de Édipo nos ilhéus de Trobriand do Nordeste da Nova Guiné, comunidade fundada no direito materno. Esses antropólogos me ensinaram,

sobretudo, a estar atento a julgamentos etnocêntricos e a pensar em todos os aspectos da cultura a partir da compreensão do relativismo cultural e, em decorrência, a compreender os comportamentos dos indivíduos em suas sociedades sem formar juízos de valor sobre eles. Ter estudado antropologia cultural um pouco antes de iniciar o aprofundamento em psicanálise foi-me de grande valia.

Nas semanas que antecederam ao vestibular, encontrava-me apreensivo e em dúvida sobre qual curso superior escolher: Letras, História ou Psicologia. Decidi somente na semana que antecedeu à minha inscrição. Em 1975, fui aprovado no vestibular para o curso de Psicologia na Universidade Católica de Minas Gerais. Iniciei os estudos no início de 1976 e os concluí em dezembro de 1980.

Residi em Belo Horizonte entre fevereiro de 1974 e agosto de 1981, quando regressei a Varginha. Em Varginha, iniciei minha vida profissional no magistério, em 1982, como professor contratado para lecionar no ensino médio da Escola Municipal José Camilo Tavares de I e II Graus, localizada no alto da Vila Barcelona. No mesmo ano, fui eleito por votação entre os professores o Professor Símbolo desse estabelecimento escolar em virtude da comemoração do centenário de emancipação política de Varginha 1882-1982. Em 1986, fui aprovado em 3º lugar no concurso público para o cargo de Psicólogo da Secretaria de Estado de Saúde de Minas Gerais, onde, lotado na então Diretoria Regional de Saúde, trabalhei com saúde pública até me aposentar, em 15 de fevereiro de 2016, no cargo de Especialista em Políticas e Gestão da Saúde

(*DIÁRIO OFICIAL MINAS GERAIS*, 09 jun. 2016, Caderno 1, p. 27).

Em 30 de maio de 1987, estreei como autor no Theatro Municipal Capitólio com a peça *Primavera Mortal*, drama psicológico em ato único, ambientado em Varginha, em 1930. A peça foi reapresentada no dia 14 de agosto de 1987 no 2º Festival Municipal de Teatro tendo obtido o 2º lugar. *Primavera Mortal* perdeu apenas para *Esperando Godot*, de Samuel Beckett!

III – VIDA ADULTA

Adulto, redescubro sempre o prazer da leitura. Quem gosta de ler não sente solidão e está sempre acompanhado da melhor e da mais agradável companhia desde que saiba fazer as escolhas certas. Dentre outros, li Adolfo Caminha, Aluísio Azevedo, Artur Azevedo, Carlos Drummond de Andrade, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Lima Barreto.

Modifiquei minha percepção sobre Mário de Andrade, passei a percebê-lo não apenas como escritor, mas principalmente como um pensador da cultura e da identidade brasileiras que produziu sua obra na mesma época em que intelectuais como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior escreveram seus ensaios com reflexões profundas sobre o Brasil.

Dos portugueses, li Camões, Gil Vicente, Camilo Castelo Branco, Eça de Queiroz, Fernando Pessoa e Florbela Espanca.

Em relação à literatura em Língua Portuguesa produzida no Brasil, considero Machado de Assis, Cecília Meireles, Guimarães Rosa, Clarice Lispector e Lima Barreto os escritores imprescindíveis por terem contribuído de modo significativo para criar uma literatura com marcada identidade nacional e elevado à qualidade da excelência o uso do idioma.

Na Filosofia, meus filósofos prediletos são os pré-socráticos e Sócrates. Dentre os pré-socráticos, o filósofo com o qual mais tenho afinidade de pensamento é Epicuro. Comungo com ele as crenças de que não existe nada além da matéria, que a alma não sobrevive à morte, que a preservação das amizades pode nos proporcionar a felicidade, que não precisamos temer os deuses e que o fim último da vida é o prazer, entendido não como uma forma de hedonismo inconsequente, mas como a possibilidade de usufruir da vida sem excessos, com parcimônia. Complementando Epicuro, digo que não é preciso temer a Deus: ele é antropológico, pois é uma criação humana, mas, para os crentes, é preciso não deixar que essa criação se torne antropofágica, devoradora dos homens na medida em que, para muitos, a crença religiosa pode se tornar fundamentalista, fanática, destrutiva e suicida.

De Aristóteles, Retórica é a obra indispensável e de leitura obrigatória para todos aqueles que lidam com a palavra e com qualquer uma das múltiplas formas de expressão artística.

De Sêneca, li os principais trabalhos os quais considero todos impregnados de profunda humanidade, humildade e ao mesmo tempo grandiosos e extremamente requintados do ponto de vista estilístico e da abordagem psicológica:

Consolação a minha mãe Hélvia, Da tranquilidade da alma e Apocoloquintose do divino Cláudio.

De Marco Aurélio, li as Meditações, obra que reúne as reflexões morais desse imperador-filósofo, adepto do estoicismo. Algumas de suas idéias e frases foram aproveitadas por mim para criar os diálogos entre as personagens Aurélia Rubião e Oneyda Alvarenga na peça de teatro À outra margem.

Li também Maquiavel, Erasmo de Rotterdam, Thomas More e as principais obras do sociólogo Émile Durkheim.

Mathias Aires (1705-1763) é o filósofo brasileiro que despertou minha atenção com sua obra clássica “Reflexões sobre a vaidade dos homens”. Praticamente desconhecido mesmo nos círculos letrados e cultos das universidades, Mathias Aires Ramos da Silva, considerado o maior pensador de Língua Portuguesa do século XVIII, produziu esse tratado de filosofia que, sem dúvida, o coloca em pé de igualdade com os filósofos franceses e alemães do mesmo período.

Nesta Casa de cultura e memória que é a Academia Varginhense de Letras, Artes e Ciências, onde a vaidade jamais será uma estranha e a propósito mesmo desta minha fala memorialística, soa bem apropriado recordar Mathias Aires: “Procuramos ser objetos da memória e assuntos da fama: o nosso fim é querermos que se fale em nós, vindo a ser ambiciosos das palavras dos outros, e idólatras das narrações da história. Este delírio nos entrega a aplicação das letras...” (MATHIAS AIRES, 2005, p. 39).

Dentre os filósofos modernos, Shopenhauer é o meu predileto. Não o considero pessimista, mas realista em suas observações sobre a natureza humana quando afirma que a

vida é o domínio do sofrimento e que uma saída possível para o sofrimento seria a arte, embora a arte não tenha o poder de resolver os problemas e conflitos.

De Freud, li os 24 volumes de capa dura da Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, publicado pela Editora Imago (1969). O estudo da psicanálise, de A Origem das Espécies, de Charles Darwin, e da antropologia cultural foi um divisor de águas em minha vida intelectual. Muito mais que apenas uma fundamentada e imprescindível base teórica e conceitual, o conhecimento da teoria evolucionista, da antropologia cultural e da psicanálise determinou de forma permanente e irreversível o modo como apreendo a realidade do mundo físico e das relações sociais, bem como a forma de lidar com o meu mundo interior.

Quanto às obras de história, meu grande interesse é pela história do Brasil, disciplina em que tenho o título de Especialista em História e Construção no Brasil, pela Universidade Vale do Rio Verde – UNINCOR (2006). Os relatos dos primeiros viajantes ao Brasil são os meus favoritos: Hans Staden, Pero de Magalhães de Gândavo e André João Antonil que escreveram obras imprescindíveis para quem pretende conhecer o início da formação social e cultural do Brasil.

Obra de grande envergadura e considerada um dos mais impressionantes relatos e documentos da história universal, são os Autos de Devassa da Inconfidência Mineira. Li a coleção completa editada pela Imprensa Oficial de Minas Gerais composta por onze volumes.

Ainda em relação às minhas leituras e para escrever o romance “A memória dos sentidos” tive que ler bastante sobre

arquitetura, paisagismo, ourivesaria, história da moda, do mobiliário, da arte (escultura e pintura), tipos de madeira e tecidos, louças, porcelanas e prataria, tráfico negroiro, decoração de interiores, curandeirismo, medicina, geografia, fauna, botânica, vocabulário e expressões idiomáticas, costumes sociais e gastronomia do Brasil Colônia e Império.

A seguir, passo a tecer algumas considerações sobre religião e política.

IIIa – SOBRE RELIGIÃO E POLÍTICA

Durante o ensino primário na Escola Paroquial Pio XII, tínhamos aulas de religião em que desenhávamos três corações: o primeiro, colorido de branco, era o coração das pessoas sem pecado, cujas almas iriam para o Céu depois de mortas, o segundo, colorido de branco e manchado com pintinhas pretas, era o das pessoas com pecados veniais que iriam para o Purgatório, e o terceiro, o pior deles, todo colorido de preto, era o daqueles que cometeram pecados mortais: iriam para o Inferno. Não me lembra mais quem ministrava a aula, se a professora ou o padre. De qualquer modo, achava detestáveis as aulas de religião, pois, intuitivamente, captava a tentativa do mestre de controlar os impulsos dos alunos por meio da manipulação da culpa. Creio que aí está a origem da minha aversão às religiões e à sua mentalidade doutrinária. Sou contra o ensino religioso doutrinário em escolas públicas, no entanto, compreendo que o Estado brasileiro é laico, mas a sociedade não; seria favorável ao ensino religioso nessas escolas caso as variadas formas de religião fossem ensinadas a

partir do ponto de vista histórico, antropológico e cultural. Reconheço que as escolas confessionais têm o direito de basear os seus princípios, objetivos e forma de atuação em determinada religião. Os alunos e professores que as freqüentam lá estão por uma escolha pessoal que deve ser respeitada. Sou contra a permanência de símbolos religiosos em repartições públicas e penso que falta muito aos brasileiros para adquirirem a independência de pensamento político característica dos franceses.

Meu pensamento e minha forma de apreender a realidade é racional, científica e filosófica. Não sou dado a misticismo de nenhuma espécie. Acredito que a ciência, a filosofia, a psicanálise e a arte podem responder a algumas das questões fundamentais do homem. Acredito também, que nem todas as questões podem ser respondidas a contento, e que, como nos ensinou a psicanálise, é preciso aprender a lidar com a angústia de nossa incompletude e finitude, e, nessa situação, tentar conferir um sentido simbólico à nossa existência individual.

O conjunto de minha obra já possui um percurso junto aos leitores. Ao longo do tempo tenho ouvido deles os comentários mais variados sobre o conteúdo dela e sobre o meu posicionamento religioso e político. Sobre “A memória dos sentidos” um leitor me disse que se trata de um romance espírita a começar pelo título, outro concordou com essa premissa e foi além: disse-me que a obra foi psicografada por mim! É legítimo que cada leitor tenha sua própria interpretação do texto. Essa interpretação, no entanto, tem seu limite estabelecido pelo conteúdo do próprio texto. Não

sou espírita. José Milem Sales, meu avô-paterno libanês, era católico maronita. A formação religiosa que recebi em minha família foi o catolicismo. Desde os dezessete anos de idade considero-me ora ateu, ora agnóstico. Meu interesse pelas religiões, principalmente pelo catolicismo, é de natureza sociológica, antropológica e cultural. Não é possível compreender a história humana sem o estudo das religiões. A história e a formação cultural do Brasil estão indissociavelmente ligadas à Igreja Católica, às missões jesuíticas. Sou historiador, o fato social e histórico da religião é de meu interesse como pesquisador. Partilho com Freud da concepção de religião expressada por ele em “O futuro de uma ilusão”. Segundo Freud, a figura de Deus foi criada para substituir imaginariamente a do pai protetor da infância, as idéias religiosas são ilusões que possuem significação apenas psicológica e não existe nenhum argumento que a razão possa aceitar como prova das verdades por elas apregoadas. As idéias religiosas refletem o desejo do homem de continuar a receber, na vida adulta, a proteção paterna recebida na infância, pois é uma árdua tarefa aprender a lidar com a ideia da morte, com as forças catastróficas da natureza, com os imprevistos trágicos, com as doenças, com as deficiências físicas, com a dor e o sofrimento, e com o envelhecimento.

Segundo penso, um dos pontos em comum entre religião e política quanto aos seus adeptos é o fervor obsessivo com que alguns crêem e defendem seus dogmas. Em ambos os casos existe a figura onipresente do líder messiânico, salvador e iluminado, responsável por conduzir as massas. O líder religioso quer conduzir o crente ao paraíso divino, e, o político,

ao paraíso econômico do mercado consumidor. A realidade não importa para quem tem fervor religioso ou político, o que vale é a crença em mundo idealizado capaz de servir de anteparo à angústia despertada pela crueza dolorosa dos fatos cotidianos.

Quanto à obra *Estudo sobre o Integralismo e o Comunismo em Varginha* (2016), ainda antes de vê-la publicada alguns leitores que tinham conhecimento do seu conteúdo formaram sua convicção a priori e se manifestaram sobre o meu suposto posicionamento político: seria eu esquerdista, comunista, socialista ou marxista. Em minha opinião, a polaridade ideológica direita/esquerda é maniqueísta demais para dar conta de oferecer um arcabouço sustentável de compreensão teórica da complexidade da cultura ocidental contemporânea. Entendo, também, que defender a democracia, os direitos humanos, a liberdade de expressão e se posicionar contra os governos autoritários (ditaduras) e totalitários (fascismo), contra a violência, seja ela praticada pelo Estado, por grupos criminosos ou por pessoas não é uma bandeira nem direito exclusivo da esquerda. Sou contra o Estado e as ideologias que não respeitam a singularidade do sujeito. É incompreensível para mim que alguns condenem as ditaduras de direita e apoiem as de esquerda, pois em ambas a singularidade do sujeito é sufocada. Defendo os direitos humanos, o Estado laico, a independência e a harmonia entre os poderes executivo, legislativo e judiciário. Defendo a democracia representativa, o estado democrático de direito, a liberdade de expressão, a liberdade de imprensa, a segurança jurídica e institucional e o

respeito aos contratos. Defendo o Estado mínimo que respeita as leis de mercado, estipula ordenamentos para o controle do capitalismo selvagem e cuida, prioritária e verdadeiramente, da educação, saúde, segurança pública e mobilidade urbana. Tenho por princípio não expressar publicamente minhas convicções político-partidárias: não o fiz no passado, não o faço aqui nem pretendo fazê-lo no futuro. Minhas convicções políticas interessam apenas a mim. Pretendo tornar público – e tenho feito isso, apenas o resultado do meu trabalho. Não quero ser classificado como escritor de determinado espectro político e penso que qualquer artista somente tem a perder quando permite que seu posicionamento político se sobreponha à sua arte. Tenho a convicção que minha obra possui um caráter universalista, muito além dos ideários político-partidários, tudo o que tenho a dizer está dito nela. Minha obra é autobiográfica em muitos aspectos, especialmente “Imigração libanesa em Varginha...” que conta a história de minha família desde 1860, no Líbano, a imigração para o Brasil, o estabelecimento em Varginha no início do século XX e seus desdobramentos até o ano de 2006, quando o livro foi publicado. É curioso constatar que, ainda durante a minha vida, alguns leitores têm pretendido ler na minha obra coisas que não escrevi. Reconheço, no entanto, a inevitabilidade das arestas, dos nós, dos pontos-cegos quando um leitor interpreta textos, devido a questões subjetivas da mais variada natureza e, de modo algum, o reconhecimento da existência delas me causa aborrecimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por último, quero dizer que me considero um escritor; se sou bom ou mal na realização dessa tarefa isso é questão de outra ordem, não me cabe realizar esse julgamento. Caso haja mérito no trabalho produzido, ele terá relação com a escolha dos temas de relevância social, com o uso e o rigor da metodologia de pesquisa aplicada, com a pertinência da análise apresentada, com a ética de respeito e de citação aos direitos autorais de terceiros que revela a honestidade intelectual como bem ressaltou Ricardo Cravo Albin, no Posfácio da 2ª edição de “À outra margem” (2015), e, como não poderia deixar de ser, com a qualidade estilística e formal do texto, e com o uso correto da norma culta do idioma.

A Secretaria de Estado de Saúde de Minas Gerais publicou pela Imprensa Oficial duas de minhas obras: “Estrutura organizacional dos ambulatórios de saúde mental da Diretoria Regional de Saúde de Varginha – MG Ano 2000” (1ª e 2ª edições, 2002) e “A gripe espanhola em Varginha – MG 1918: memória de uma tragédia” (2ª edição, 2006). O Instituto Cultural Amilcar Martins – ICAM, em Belo Horizonte, publicou o catálogo “Livraria mineira catálogo da notável e preciosa biblioteca mineiriana do Instituto Cultural Amilcar Martins, contendo mais de dez mil referências bibliográficas sobre a história e a cultura de Minas Gerais” (Belo Horizonte, 2014). Nesse catálogo meu nome consta como verbete. Onze obras de minha autoria são citadas no capítulo Obras Correntes (nº. 8927 a 8937, p. 376-377). Em março de 2015, o Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural de Varginha –

CODEPAC inventariou o conjunto das minhas obras publicadas com o título "Coleção José Roberto Sales" que passou a fazer parte do acervo de bens culturais do município. A coleção era composta, à época, por treze títulos sobre a história de Varginha em várias áreas. Em 2012, recebi correspondência impressa da Sra. Debra McKern, Diretora da *Library of Congress*, me comunicando que "A Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos tem grande interesse nas publicações" de minha autoria e que esperava "contar com o recebimento regular" de minhas publicações (Unit 3501/LOC APO,AA 34030, 15 fev. 2012). Meu trabalho sobre a História de Varginha e do Sul de Minas recebeu Moções de Aplauso da Câmara Municipal de Varginha (2005, 2009, 2012 e 2015) e Moção de Elogio da Câmara Municipal de Passa Quatro (2012). A Câmara Municipal de Cambuquira me outorgou o título honorífico de Grande Amigo de Cambuquira (2013). A Fundação Cultural do Município de Varginha reconheceu o mérito do meu trabalho em 2008.

Retomo, aqui, a epígrafe com a citação a Freud que abre este trabalho: se a vida neste mundo serve a um propósito mais elevado e não é fácil adivinhar qual ele seja, o propósito elevado que descobri para dar sentido à minha vida é o da escrita; com o exercício dela procuro o aperfeiçoamento da minha humanidade.

O leitor e o público que leem a minha obra são um mistério para mim. É como se estivesse sozinho em uma quadra de tênis de saibro vermelho jogando uma partida que não acaba. É noite. A metade da quadra em que me encontro está iluminada, a outra metade, no escuro, assim como o

espaço reservado à plateia. Não há público, apenas escuto o ruído da raquete na bola para os arremessos que faço. As bolas vão para o lado escuro da quadra. Depois que passam sobre a rede não as vejo mais. Jogo sem parar o jogo que não tem fim. As bolas arremessadas não voltam, não são devolvidas. Sem retorno e com um enigma impossível de ser desvendado em sua plenitude, o único elemento capaz de sustentar esse jogo, o jogo da escrita, é o meu desejo.

O corpo que habito é a palavra. A casa que habito é a palavra. A memória que construo é a palavra. No poema que escrevi para a abertura do meu primeiro livro “Saúde mental no município de Varginha”, considerei a invenção do alfabeto a maior obra da estética humana e disse: Escrever / É um jeito de ficar / depois de ter ido. / Escrever / é conversar com quem / ainda não nasceu. / Escrever / é comunhão ex-temporal. / Escrever / é testemunho e partilha (SALES, 2000, p. 7).

Minha escrita revela um olhar profundamente terno para tudo aquilo que é humano, portanto, escrever é uma maneira expandida e particularmente sensível de ser e de estar no mundo, de viver a vida. A vida humana é breve, o tempo, inexorável. Se algum dia a posteridade julgar a minha obra não estarei mais aqui para conhecer o veredicto. No presente, resta-me, portanto, apenas o consolo da honestidade intelectual e de poder partilhar com meus colegas acadêmicos, no tempo fenomenológico do agora, um pouco da trajetória de uma vida toda ela dedicada à palavra e à preservação da memória coletiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

EPICURO. **Sentenças Vaticanas. Máximas Principais.** Coleção Folha Grandes Nomes do Pensamento, vol. 20. São Paulo : Folha de São Paulo, 2015. 112p.

_____ **Carta a Meneceu.** Tradução de Desidério Murcho. Disponível em: <<http://criticanarede.com/meneceu.html>> Acesso em: 02 jul. 2016.

FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão.** Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XXI. Rio de Janeiro : Imago, 1974.

MATHIAS AIRES Ramos da Silva. **Reflexões sobre a vaidade dos homens.** Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal. Vol. 21. São Paulo : Editora Escala, 2005. 169p.

SALES, José Roberto. **Saúde mental no município de Varginha – MG : serviço e estudo da demanda ambulatorial 1986-2000.** Varginha : J. R. Sales, 2000. 349p.

SALES, José Roberto. **Estrutura organizacional dos ambulatórios de saúde mental da Diretoria Regional de Saúde de Varginha – MG. Ano 2000.** 1ª edição. Belo Horizonte : Secretaria de Estado de Saúde de Minas Gerais, Coordenadoria de Saúde Mental, 2002. 40p. Impressão: Imprensa Oficial de Minas Gerais.

_____ idem. 2ª edição. 46p.

SALES, José Roberto. **A gripe espanhola em Varginha – MG 1918** : memória de uma tragédia. 2ª edição. Belo Horizonte : Secretaria de Estado de Saúde de Minas Gerais; Imprensa Oficial de Minas Gerais, 2005. 64p.

WOOLF, Virginia. **Mrs. Dalloway**. Tradução de Denise Bottmann. Uma introdução a Mrs. Dalloway. Porto Alegre : L&PMPocket, 2012. 221p.